

MEMÓRIA-SONHO: O REAL QUE SE ESCOLHE NA FORMAÇÃO DA OBRA MURILO MENDES

Felipe Moratori Pires *
Terezinha Maria Scher Pereira **

RESUMO

Este artigo pretende analisar as relações entre realidade biográfica e ficção na construção da obra Murilo Mendes.

Palavras chave: Murilo Mendes, Memória, Nijinski, I Ching.

INTRODUÇÃO

Reconhecida por manter o espírito original prontamente moderno e por revelar um extremismo poético do surreal, a obra do juiz-forano Murilo Mendes se apresenta como uma “biografia sonhada” que faz confundir de forma singular o “real biográfico” e o “real ficcional”. A obra muriliana nasce com seu autor na modernidade e permanece nela. A partir das considerações, a hipótese da presente pesquisa traz a leitura de que a obra de Murilo Mendes se constrói na medida em que se constrói o personagem Murilo Mendes a partir da infância.

A “escrita do eu” em Murilo Mendes favorece o diálogo entre o sonho e a realidade, pois se determina pelo distanciamento no tempo e no espaço entre o Murilo autor e o Murilo personagem. O sentimento da escrita madura sobre as memórias da infância presente em *Idade do Serrote* perpassa também *Retratos-Relâmpago*, pois a composição de ambos os livros se deu em Roma simultaneamente (entre 1965/66, a 2ª série de RR entre 1973/75). A nostalgia de um “exilado” faz com que ficção e sonho caracterizem a memória da sua infância. A premissa deste trabalho é que a formação do menino a partir da memória do adulto, que se descreve, é o caminho de formação do próprio poeta, e, assim, da obra que ele compõe. É possível ler que a obra e o “menino Murilo” descrito, que é um forte personagem, se “formam” na mesma medida. A partir das considerações, é interessante um aprofundamento sobre

* Bolsista PIBIC/CNPq/UFJF.

** Professora Orientadora da Faculdade de Letras - UFJF.

Endereço Profissional da Professora Orientadora:

Depto. de Letras, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Email: scherpereira@acessa.com

traços específicos da biografia e da obra que dizem sobre a infância e sobre aqueles que dialogam entre a realidade e a ficção.

METODOLOGIA

O desdobramento do conceito de memória percorreu os livros *Metamorfoses*, *Mundo Enigma* e *Poesia Liberdade* enquanto o lugar do masculino e feminino na infância foram apontados entre *Retratos Relâmpago* e *Idade do Serrote*. Dialogou-se com a filosofia oriental através do *I CHING*, o livro das mutações. No aprofundamento do último diálogo, outro nome foi estudado comparativamente com Murilo Mendes: o bailarino russo Vaslav Nijinski. Ao corpus teórico as principais obras acrescentadas ao estudo foram *Orientalismo* e *Cultura e imperialismo*, ambos de Edward Said, as *Teses sobre o conceito de história* de Walter Benjamin e *A poética do espaço* de Gaston Bachelard.

DISCUSSÃO/RESULTADOS

As discussões principais analisaram as relações real-biográfico e real-ficcional, o desdobramento do conceito de “memória” no surrealismo e suas aproximações com o lugar do sonho, o masculino e o feminino na infância e o lugar da autoria na crítica contemporânea.

I.

A VOLTA DO FILHO PRÓDIGO

Ofício no altar terrestre,
Roseiras dando-se as mãos,
Iluminações na usina.
O filho pródigo
Despenteou as nuvens,
Levanta a saia das árvores,
Abraça o amigo e o inimigo.
Navios batendo palmas
O esperam na enseada.

Ordenam a sinfonia:

Nijinski dançando no arco-íris
Reconcilia o céu e a terra.¹

II.

Cito Vaslav Nijinski no “Espectro da Rosa”: através de uma janela voa no espaço, mal toca o pavimento; traz consigo o apetite da terra e o disfarce do céu. Estamos no Rio de Janeiro dançante, ainda com o infinito da baía, sem arranha-céus ou pistas de automóveis. Tenho 16 anos, logo rejeito a dimensão comum do mundo.

¹ MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2006. p. 324.

Precipita-se o carro do meu destino. Alço-me à faixa relâmpago. Não existe o problema de Deus. Existe Deus revelado pelo “êxtase material”.

Prosssegue o diálogo sonho realidade. Sete anos anteriormente eu participara do cometa Halley, quatro anos depois descobrirei o prodígio Ismael Nery, Nijinski da conversação, e o choque Mallarmé.

Nijinski atrai a força do universo. Escreve um livro onde por meio de sinais inventados registra os passos da dança. Penetra agora a zona da perturbação da própria personalidade oficial; ajudado pelas sandálias da noite voa-se, talvez construa no escuro uma barca lunar, dialogue com o sacerdote esotérico ou a sibila que presidiram ao rito da primeira dança em tempos antiqüíssimos da formação do cosmo.

Conduzem-no (“ressuscitará?”) a um espetáculo de ballets russos. Distingue um homem forte de bigodes, que traja smoking e domina a atmosfera. Pergunta: “Quem é este?” “Diaghilev”. “E quem é Diaghilev?”

Figuras do mesmo conflito, eclipsam-se luz e sombra. Em que território sem galáxia ou escadas volantes penetrou Nijinski? Desfeito o apetite da terra, suspenso o disfarce do céu, dissolvidas a palavra “outrora” que nos alimenta, e as torres de Kiev, Nijinski sonhará que é dançado pela dança?²

A leitura de (I) nos dá uma sofisticada aproximação entre as imagens do filho pródigo da tradição cristã e do polêmico bailarino. O bailarino aparece, numa primeira leitura, entre o celestial e o mundano. A relação Murilo-Nijinski se tornou mais simbólica com a inserção da tradição oriental para a leitura dos significantes “céu” e “terra”. No I CHING, as imagens se referem ao masculino e ao feminino respectivamente. De um lado, o trígama Chi'en, ☰ formado por três linhas não interrompidas, representa o céu e está associado ao pai e à criatividade. Do outro, K'un, ☷, formado por três linhas interrompidas, representa a terra e se associa à imagem da mãe e da receptividade. Neste sentido, “Nijinski dançando no arco-íris” não está simbolicamente situado apenas entre o terreno e o celestial, mas também entre o masculino e o feminino.

Símbolo de transgressão do menino Murilo Mendes frente à família, Nijinski é uma figura de profundo interesse, porque toca de forma muito particular a questão de gênero, que é um ponto chave de leitura dos fragmentos (I) e (II), selecionados. Trata-se de uma leitura em que, ao buscar análise da obra a partir da infância, surge do texto a necessidade de se tratar a relação familiar, e assim, o lugar do sujeito entre o masculino e o feminino.

O caráter de transgressão se acentua na aproximação do “personagem” Nijinski à parábola cristã do filho pródigo, em (I), poema do livro *As Metamorfoses*. O paralelo que se estabelece é muito interessante na medida em que nos traz outra característica da obra de Murilo Mendes que é a religiosidade, quase sempre mediada por um “algo profano”. A existência do filho pródigo é dependente de uma figura paterna autoritária, que motiva um desejo de liberdade e leva a um comportamento de rebeldia. Ao fugir do colégio interno para assistir ao balé de Nijinski, o Murilo descrito se veste de filho pródigo e transgride a autoridade familiar. Na medida em que se constrói a obra do poeta, em que o sonho e a ficção promovem a biografia, a recusa em continuar os estudos tem um significado marcante de oposição à atitude de opressão da família — castradora do destino do menino à arte, à sensibilidade poética.

Tenho 16 anos, logo rejeito a dimensão comum do mundo. Precipita-se o carro do meu destino (...).

Prosssegue o diálogo sonho realidade. Sete anos anteriormente eu participara do cometa Halley.³

² *Ibidem.* p. 1275.

³ *Ibidem.* p. 1275.

O destino de Murilo à arte tem um ponto especialmente cuidado na biografia, que é a passagem do cometa Halley em 1910, aos seus nove anos de idade. Ao citar Halley no retrato de Nijinski, Murilo parece reafirmar o quão marcante é o contato com o balé russo, no que tange a sua formação sensível e intelectual. É notável também a ausência de limites na percepção daquele Murilo que assistiu ao balé. O que nos permite pensar num processo de formação, cujos limites (que também têm a função de definir) ainda não foram estabelecidos.

(...) através de uma janela voa no espaço, mal toca o pavimento; traz consigo o apetite da terra e o disfarce do céu (...). Nijinski atrai a força do universo. (...) Penetra agora a zona da perturbação da própria personalidade oficial; ajudado pelas sandálias da noite voa-se (...)⁴

Se concentrarmos nas características que o poeta atribui ao dançarino no seu retrato-relâmpago, encontraremos justamente uma “ausência de limites”, uma poderosa força que parece perturbada entre o céu e a terra, imagens que aparecem significativamente em (I) e (II) e merecem atenção especial.

Em (1) “Nijinski dançando no arco-íris / Reconcilia o céu e a terra.”

Em (2) “Traz consigo o apetite da terra e o disfarce do céu (...)

A análise se torna ainda mais sofisticada quando se observa o sentido dos hexagramas formados pela união dos dois trigramas. “Céu” sobre a “Terra” forma o hexagrama P’I, que nos indica a imagem da “estagnação”:



No julgamento oracular pressupõe-se um indivíduo que está sendo afastado de seus princípios pelo relacionamento que não se estabelece com a figura de autoridade. A relação de conflito que se estabelece entre o desejo de Murilo à arte e a autoridade do pai contra esse desejo pode ser lida por esse hexagrama. Assim como a relação de autoridade entre Nijinski e o patrono Diaghilev.

A inversão dos trigramas “Terra” e “Céu” formam o hexagrama T’AI:



De modo muito instigante, tal inversão faz com que o sentido de “estagnação” se transforme no sentido de “paz”. Nijinski e Murilo através da arte se reconciliam com a autoridade repressora.

No diálogo entre o ficcional e a biografia, chegamos na relação de Murilo Mendes com o pai, Onofre Mendes, que, se a princípio era castrador da vontade do filho à poesia, sabe-se, finalmente, como um pai extremamente carinhoso e presente.

Meu pai é de uma paciência absoluta com o adolescente estranho que eu sou (...) Declaro sistematicamente que só quero ser poeta, nada mais. (...) Mais tarde alegra-se diante do sucesso dos filhos (...) Quanto a mim, alheio às maquinações literárias, recebo o prêmio de poesia da Fundação Graça Aranha com o meu primeiro livro Poemas, que ele próprio fizera editar em Juiz de Fora. ⁵

⁴ *Ibidem.* p.1275/76

⁵ *Ibidem.* p. 972

O fragmento acima é do capítulo “Meu pai” de *A Idade do Serrote* que mostra claramente a relação fraterna de Murilo com o pai, que participou ativamente da formação do poeta Murilo Mendes, na edição do seu primeiro livro. Assim é perceptível como a construção do personagem Murilo Mendes se entrelaça com a obra em que ele se insere.

III.

MEMÓRIA

Virar a vida pelo avesso.

A fábula com suas raízes
Mergulha na esfera branca.

Passado, presente futuro,
Tiro o alimento de tudo.

O diadema da noite
Tecido de madressilvas
Espera núpcias solenes.

Preparam o cristal da música.

Espírito que passas murmurando,
Detém-se, suspende o vôo:
Morro de esperar a morte.

IV.

MEMÓRIA

Obscuríssimos quartos
Dando para terraços em azulejos
Onde um homem de couro e seda
Faz sinais para Saturno
E onde moças inconscientes
Mostram o coração

Tatuagens

... Para que o invisível se manifeste.
Para que o relógio possa falar
E os anjos operadores
Descansem da tarefa
De mudar crueldade em ternura.

A memória lida como tatuagem revela o caráter arbitrário da recordação biográfica para a construção ficcional. A “memória-tatuagem” é aquela que é escolhida para ser gravada no tempo. Tempo o qual, em Murilo Mendes, dentro da compreensão surrealista, não se estrutura na linearidade, já que o alimento poético é “retirado de tudo”: passado, presente e futuro. Segundo Bachelard:

No teatro do passado que é a nossa memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Às vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo.⁶

Neste sentido, é interessante pensar o quanto a “escrita do eu”, em caráter literário, está sujeita à “traição” do real, especialmente quando se fala de uma escrita memorialística como a de Murilo Mendes, construída no deslocamento temporal “maturidade-infância” e espacial “Roma-Juiz de Fora”. O conhecer-se no tempo nada mais é que conhecer algumas fixações (ou tatuagens) de realidade no tempo. Que, no artifício da construção literária e poética, consiste em trabalho, escolha precisa da linguagem.

CONCLUSÃO

A resignificação ou plurissignificação do pensamento cultural contemporâneo permite o diálogo entre identidades, e tem, como consequência, uma profunda mudança no olhar e nas leituras estéticas. Foi de grande interesse aqui observar o caráter seletivo da memória que, em Murilo Mendes, pode ser lida como intenção fundamental na construção das imagens. Ao se pensar nas abordagens teórico críticas no século XX, voltamo-nos à questão da autoria. A obra de Murilo Mendes é forte exemplo de uma literatura autorreferencial que poderia prescindir de referências à figura do autor, contra uma literatura que volta-se para o texto de forma incisiva, apontada a não pertinência da intenção do escritor para a significação da obra. A leitura aqui proposta não abre mão da intenção do autor, mas propõe outros campos referencias de significação para investigar os limites entre o real biográfico e o que de mais precioso o “sonho” do fazer poético em Murilo Mendes conseguiu alcançar.

POLITICAL AND POETICAL PRACTICES - A STUDY OF FRIENDSHIP IN MURILO MENDES AS AN STRATEGY OF SURVIVAL IN DIVERSE WORLDS

ABSTRACT

This article analyzes the relationship between biographical fact and fiction in the construction work of the poet Murilo Mendes.

Key-Words: Murilo Mendes, Memory, Nijinski, I CHING.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio da Costa Leal e Lídia do vale Santos Leal. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, [s.d.]

BENJAMIN, W. Teses sobre o conceito de História. In: W. BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, p. 222-232, 1994.

⁶ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio da Costa Leal e Lídia do vale Santos Leal. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, [s.d.]

- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1990.
- BIBLIA SAGRADA, Gideões Internacionais do Brasil, Campinas, 2007.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo, Cultrix, 2006.
- COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria, Literatura e senso comum**. UFMG, Belo Horizonte, 2001.
- FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A, Rio de Janeiro, 2006.
- MENDES, Murilo. **Poesia Completa e Prosa**. Ed. de Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro. Aguilar, 2006.
- RIBEIRO, Gilvan Procópio. **Murilo Mendes: o visionário**. Org. Gilvan Procópio Ribeiro e José Alberto Pinho Neves. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- WILHELM, Richard. **I CHING, o livro das mutações**. São Paulo. Pensamentos, 2006.